



**Carta do Abade Geral OCist  
para a Quaresma de 2023**

## **O FRUTO DA CRUZ**

Caros Irmãos e Irmãs, eis que entramos no tempo propício da Quaresma para nos prepararmos para a Páscoa com toda a Igreja. Desejo continuar a escuta, iniciada com a Carta de Natal, do discurso que o Papa Francisco dirigiu ao nosso Capítulo Geral em 17 de outubro de 2022, concentrando-me agora nas sugestões úteis ao nosso caminho de conversão, para viver o nosso carisma de "observar Jesus juntos". Na Carta de Pentecostes aprofundarei o convite do Papa a viver a nossa vocação na grande sinfonia da Igreja.

### **Converter-nos observando Cristo**

Para compreender o sentido positivo da conversão cristã à qual somos convidados, é importante compreender que não se trata apenas de uma transformação do nosso coração, do nosso pensamento e do nosso comportamento. É sobretudo uma passagem pascal de nós mesmos a Cristo, da nossa vida à de Cristo em nós. O ladrão arrependido crucificado ao lado de Jesus não teve tempo de mudar a sua vida, de melhorá-la, de corrigi-la, mas pediu ao Salvador que tomasse toda a sua pessoa, e assim a sua morte foi um nascimento pascal a vida eterna com Ele (cf. Lc 23,39-43). Só observando Jesus, ouvindo a sua palavra e aderindo à sua presença nos convertemos verdadeiramente, permitindo ao Espírito Santo reproduzir em nós a imagem viva de Jesus Cristo, filho predileto do Pai.

Durante o meu mês sabático junto as monjas Bernardinas de Hynning, na Inglaterra, pensei muito no *habitare secum* de São Bento na gruta de Subiaco. São Gregório Magno explica no capítulo 3 do segundo livro dos *Diálogos* que Bento "habitou consigo mesmo (...) vendo-se sempre diante dos olhos do Criador". Foi assim que o rosto de São Bento se tornou o reflexo do olhar bom de Deus. Na verdade, foi a partir daquele momento que Bento se tornou pai dos monges, começando a acolher discípulos e a fundar mosteiros.

A verdadeira conversão consiste no permitir ao Deus vivo e presente transformar a nossa vida à sua imagem, para amar como Deus ama, perdoar como ele perdoa, servir como ele serve, dando a vida como ele a dá.

Mas qual é o meio pelo qual essa transformação ocorre? Realiza-se através da comunhão que Cristo nos dá de vivermos com Ele e o Pai, no dom do Espírito Santo.

## “Não há comunhão sem conversão”

Em seu discurso, o Papa nos disse: "Não há comunhão sem conversão". Isto é fundamental sobretudo para nós monges e monjas chamados, como lemos no capítulo 49 da Regra, a viver constantemente uma observância de Quaresma (cf. RB 49,1), e sobretudo a fazer o voto de "*conversatio morum*" (RB 58,17), isto é, de conversão seguindo a vida do mosteiro, em obediência e fraternidade.

Papa Francisco nos disse isso depois de nos convidar a caminhar juntos, vivendo nossas diferenças em harmonia sinfônica, participando da missão da Igreja que constantemente nos faz sair de nós mesmos em direção aos outros. Se queremos permitir a Deus transformar a nossa vida, a conversão que nos é pedida é aquela de abrir-nos à comunhão pela qual Jesus derramou o seu sangue sobre a Cruz para nos unir ao Pai e a toda a humanidade. De fato, o Papa continua dizendo que a conversão “é necessariamente fruto da Cruz de Cristo e da ação do Espírito, tanto nas pessoas como nas comunidades”. Não somos chamados à conversão para mortificar nós mesmos, mas para participar plenamente no mistério pascal, acolhendo o dom de Cristo até a morte e a efusão do Espírito de Pentecostes. A conversão cristã exprime assim o desejo de plenitude de vida, da vida de Cristo em nós, que é uma vida de comunhão filial com Deus e de comunhão fraterna com todos. Precisamente porque "não há comunhão sem conversão", a conversão para nós é um bem a desejar, um caminho de salvação sobre o qual caminhar com alegria, mesmo que exija sacrifício, porque ela nos abre ao dom maior, aquele da comunhão de amor com Deus e os irmãos.

A conversão à comunhão é o pão quotidiano da nossa vida comunitária. A vida de uma comunidade é bela e fecunda se para todos os seus membros é um estímulo paciente e uma ajuda misericordiosa para se converter à comunhão, cada um no seu ritmo e segundo a sua personalidade.

Claro, esta conversão é impossível sem a graça do Espírito Santo. Mas o Paráclito não pode recusar-nos a graça de acolher o dom da comunhão de amor que ele mesmo é na Trindade e na Igreja.

Por isso nos perguntamos com sinceridade: desejamos a cada dia nos converter à comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs que encontramos?

## “De um eu fechado a um eu aberto”

Mas em que consiste o caminho de conversão à comunhão em Cristo?

O Papa no-lo explica com uma imagem recorrente no seu magistério. Nos disse que a nossa vocação “comporta um empenho constante de conversão de um *eu fechado* a um *eu aberto*, de um coração centrado em si mesmo a um coração que *sai* de si mesmo e se vai ao *encontro* do outro. E isto, por analogia, vale também para a *comunidade*: de uma comunidade *autorreferencial* a uma comunidade *extrovertida*, no bom sentido da palavra, acolhedora e missionária. É o movimento que o Espírito Santo procura sempre imprimir na Igreja, operando em cada um dos seus membros e em cada uma das suas comunidades e instituições. Um movimento que remonta ao Pentecostes, o 'batismo' da Igreja."

Parece-nos ouvir São Bento, quando no Prólogo da Regra nos promete que "à medida que se avança na conversão monástica e na fé, percorre-se o caminho dos mandamentos do Senhor com o coração dilatado pela inexprimível doçura do amor" (Prol. 49). A dilatação do coração é precisamente a passagem de um coração fechado e centrado em si mesmo a um coração aberto que sai de si mesmo para ir ao encontro do outro.

O eu aberto é um eu que se torna verdadeiramente ele mesmo encontrando Deus como Pai e os outros como irmãos e irmãs em Cristo.

As nossas comunidades são chamadas a percorrer sempre o mesmo caminho de conversão, do fechamento em si mesmas à abertura que acolhe o outro em si ou sai para visitá-lo. Este aspecto que, como disse o Papa, é "o movimento que sempre o Espírito Santo procura imprimir a Igreja", o aprofundaremos na Carta de Pentecostes. Mas é bom que, aproveitando a Quaresma, cada um de nós e cada comunidade meditemos sobre o que significa para nós participar deste movimento de abertura do coração para uma vida de comunhão. Não é antes de tudo um movimento espacial, mas precisamente um movimento de conversão à comunhão que permite ao Espírito Santo dilatar o nosso coração. Um coração dilatado não é um coração partido, dividido ou dissipado, mas um coração maior, maior como coração, maior como "eu", porque o nosso coração é feito à imagem de um Deus que primeiro saiu de si mesmo para nos alcançar com sua infinita caridade. Assim compreendemos que a conversão é para nós um processo de divinização na caridade que o Espírito quer realizar em nós e no mundo.

Perto do mosteiro onde passei o meu mês sabático existe um lindo "castelo" que visitamos um dia, guiados pela gentilíssima e acolhedora proprietária. Contou-nos que há muitos anos, após a segunda guerra mundial, o seu sogro, herdando o castelo em mau estado e consciente do peso que representaria a sua gestão, conseguiu aconselhar-se com o Santo Padre Pio de Pietrelcina que lhe respondeu: "Se mantiver sempre a porta aberta, nunca perderá a sua casa." Imediatamente pensei no convite do Papa aos nossos corações e aos nossos mosteiros: queremos verdadeiramente continuar a viver permanecendo abertos ao encontro com Deus e com a humanidade?

### **"Bem-aventurados vós, pobres!"**

Mas precisamente porque a comunhão é uma graça imensa, a condição para acolhê-la não pode ser o que somos ou temos, mas a pobreza de espírito. E este é outro ponto do discurso que nos fez o Papa Francisco sobre o qual nos fará bem meditar nesta Quaresma.

No final do seu discurso, o Papa disse-nos:

“Outro aspeto para o qual gostaria de vos encorajar é o vosso propósito de uma maior *pobreza*, tanto de espírito como de bens, para estar mais disponíveis ao Senhor, com todas as vossas forças, fragilidades e florescimentos que Ele vos conceder. Portanto, louvemos a Deus por tudo, pela velhice e pela juventude, pela enfermidade e pela boa saúde, pelas comunidades que estão no “outono” e pelas que se encontram na “primavera”. O essencial é não deixar que o maligno roube a nossa esperança! A primeira coisa que o maligno procura é roubar a esperança, assim tira-a das nossas mãos, sempre. Porque a pobreza evangélica está cheia de esperança, fundada nas bem-aventuranças que o Senhor anuncia aos seus discípulos: «Bem-aventurados sois vós, pobres, porque vosso é o reino de Deus» (Lc 6, 20).”

Como a descreve o Papa, a pobreza, tanto do coração como dos bens materiais, é o segredo da alegria e da esperança. É a primeira das bem-aventuranças, ou seja, a primeira e fundamental renúncia a nós mesmos que Deus enche de esperança confiante n'Ele.

Sem a pobreza não podemos estar disponíveis ao Senhor, não podemos servi-lo, especialmente no mosteiro como "escola do serviço do Senhor" (RB Prol. 45). A pobreza torna-nos livres para servir, como Jesus, como a Virgem Maria, "a serva do Senhor" (Lc 1,38) que no Magnificat revela a sua alegria de servir na pobreza: “A minha alma engrandece o

Senhor e o meu espírito regozija-se em Deus, meu salvador, porque olhou para a humildade da sua serva”. (Lc 1,46-48)

Na Regra de São Bento, a humildade é apresentada como a forma mais profunda de pobreza, porque é pobreza do coração na relação com todos e com tudo. É o húmus, a terra, que dá frutos para o reino dos Céus acolhendo a semente do Verbo de Deus.

Muitas vezes pensamos que não podemos servir ao Senhor adequadamente, a Igreja e a humanidade porque nos faltam meios, pessoas, capacidades, tempo e energia. Em vez disso, o Papa nos lembra que a lei da fecundidade evangélica envolve critérios invertidos em relação ao mundo, porque é Deus quem dá a graça de dar frutos para o Reino. Por isso o Papa nos convida a viver todas as nossas pobreza e fragilidades com gratidão, louvando a Deus, ou seja, experimentando já a bem-aventurança prometida aos pobres. Para os que se lamentam, a fragilidade, a velhice, a doença, o clima outonal vivido por muitas das nossas comunidades, são uma diminuição que tende ao esgotamento, por fim, à morte. Para quem dá graças, para quem louva a Deus, estas mesmas realidades que nos empobrecem tornam-se degraus para o Céu, são oportunidades de oferta e de crescimento espiritual que nos tornam testemunhas felizes da vitória pascal de Cristo Senhor.

Podemos então perguntar-nos: que tipo de pobreza somos chamados a desejar hoje, pessoalmente e na nossa comunidade, para sermos mais livres para servir o Reino de Deus? Louvamos ao Senhor por tudo o que nos empobrece?

### **Guardiões da esperança**

Este testemunho é a esperança que o Papa e a Igreja nos pedem para salvaguardar, defendendo-a do maligno: “O essencial é não deixar que o maligno roube a nossa esperança!” Sabemos que, desde Santo Antão do Egito, a vida monástica sempre foi vivida como uma batalha na linha de frente contra as forças do mal que ameaçam toda a humanidade. Esta luta, que muitos consideravam “fora de moda”, volta a ter uma relevância trágica diante da evidente maldade desenfreada nos acontecimentos do mundo e da Igreja. Muitos percebem, mesmo sem ter a fé, que o desprezo pela vida e sua dignidade, o desprezo dos pobres, da criação, assim como as guerras e as opressões de que sofrem os povos, não serão erradicados pela política e pelas armas. É necessária uma vitória do humilde amor de Cristo no fundo dos corações, uma vitória da Cruz contra as forças obscuras do mal.

Morrendo e ressuscitando por nós, o Filho de Deus introduziu no mundo uma fonte inesgotável e invencível de amor e esperança: “Um dos soldados feriu-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água” (Jo 19,34). Maria que se mantém de pé junto à Cruz é o ícone da esperança que se alimenta do amor infinito de Deus pela humanidade. Não se perde a esperança da salvação para todos quando é haurida na fonte inexaurível do amor de Cristo. O maligno sabe disso, e por isso nos quer roubar a esperança, desviando o nosso olhar Daquele que nos ama a todos, mesmo que o tenhamos traspassado.

Que o nosso compromisso quaresmal e permanente, seja verdadeiramente de “olhar Jesus juntos”, como Maria e João, guardando a esperança para toda a humanidade!



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist